



CADERNO DE RESUMOS

JORNALISMO SIMPÓSIO DE CRÍTICA DE MÍDIA

Como criticam os que criticam?

UFSC/PPGJOR/SETEMBRO DE 2017



Reitor

Luiz Carlos Cancellier de Olivo (*in memoriam*)

Pró-Reitor de Pós-Graduação

Sergio Fernando Torres de Freitas

Diretor do Centro de Comunicação e Expressão

Arnoldo Debatin Neto

Chefe do Departamento de Jornalismo

Maria José Baldessar

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo

Raquel Ritter Longhi

Subcoordenadora do PPGJOR

Valci Regina Mousquer Zuculoto

Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR)

Campus Universitário, Trindade

88040-980 - Florianópolis/SC

(48) 3721.6610 - www.ppgjor.ufsc.br

**Caderno de Resumos - I Simpósio de Crítica de Mídia
Como criticam os que criticam?**

Organização

Programa de Pós-Graduação em Jornalismo

Grupo de Pesquisa Crítica de Mídia e Práticas Culturais

Comissão organizadora

Ana Marta Moreira Flores; Anderson Dias Silveira;
Caetano Machado; Diana de Azeredo; Jessica Gustafson Costa;
Luiza Mylena Costa Silva; Marcelo de Franceschi dos Santos;
Pollyana Dourado; Rafael Rangel Winch; Ricardo José Torres;
Thiago Pedro Malkowski.

Diagramação

Caetano Machado



CADERNO DE RESUMOS

SIMPÓSIO DE CRÍTICA DE MÍDIA

Como criticam os que criticam?

UFSC/PPGJOR/SETEMBRO DE 2017

Sumário

APRESENTAÇÃO: A crítica como tarefa acadêmica.....	5
PROGRAMAÇÃO.....	8
VERA REGINA VEIGA FRANÇA	
Transformações e atualidade da Teoria Crítica.....	10
JOSÉ LUIZ AIDAR PRADO	
O que significa hoje fazer crítica midiática?.....	10
MARCIO SERELLE	
A reportagem autorreflexiva.....	11
MARIA LUÍSA SANCHEZ CALERO	
Alertas meteorológicas: nuevos canales, nuevos medios.....	11
JOSÉ GERALDO COUTO	
Crítica do juízo, juízo da crítica.....	12
META ZIPSER	
Crítica das práticas de tradução no campo do Jornalismo.....	12
TEREZINHA SILVA	
A Operação Lava Jato, a corrupção e o jogo de sombras na cobertura jornalística de um escândalo.....	13
ROGÉRIO CHRISTOFOLETTI	
Sete teses para uma autocrítica dos observatórios de mídia.....	13
JULIANA DORETTO	
“É nós”? Os critérios de noticiabilidade do “Repórter Rá Teen Bum”.....	14
ANDREA LIMBERTO	
Crítica de mídia aos formatos digitais a partir de experiências em web art.....	14
THIAGO VENANZONI	
Os modos da crítica em formas audiovisuais.....	15
LÍVIA DE SOUZA VIEIRA	
Etnografia como uma metodologia para crítica de mídia.....	16
ISADORA RIBEIRO	
Crítica das representações sociais de ruralidade em Globo Rural revista.....	16

APRESENTAÇÃO

A crítica como tarefa acadêmica

Para pensar a crítica de mídia há incontáveis perguntas na busca de respostas que deem conta da complexidade e necessidade desta tarefa. Pode-se perguntar sobre as naturezas da crítica de mídia, os lugares onde se encontram, quais sujeitos a praticam, que diferenças há entre análise e crítica de mídia, quais as perspectivas teóricas que as orientam. A partir da variedade de indagações se abrem as possibilidades, igualmente diversas, de se estudar a crítica de mídia em diferentes instâncias ou modalidades: a) na percepção de parâmetros, do “como fazer para criticar”, observando a operacionalização do ofício do crítico e, quando no campo do jornalismo, com atenção para implicações éticas e estéticas da cobertura dos acontecimentos noticiados; b) no estudo das críticas de mídia que circulam pela própria mídia, feitas por aqueles especialistas reconhecidos como críticos, ou seja, que possuem saberes que o público não domina. c) na crítica de mídia como um gênero textual, praticado pelos especialistas a partir de determinadas convenções reconhecidas pelo público, possibilitando sua circulação junto a ele em espaços já institucionalizados, como jornais, revistas, blogs, entre outros. d) nas experiências metacríticas, em termos de conteúdo e forma, das inovações estéticas e estilísticas veiculadas na própria mídia, que, ao propor um novo formato ou gênero, empreendem uma crítica àquilo estabelecido como padrão, realizando-a não como uma análise sobre a mídia, mas no próprio fazer midiático; e) nos modos de leitura e perfis do público de crítica de mídia; f) nas interações sociais de crítica, nas quais receptores criticam de maneira dispersa e informal materiais veiculados nas mídias, não apenas questionando fundamentos da produção midiática como, principalmente, marcando lutas identitárias e disputas por hegemonia e reconhecimento; g) no estudo das “teorias da crítica”, teorizando sobre os modos de “como criticam os que criticam” e de “como fazer para criticar” e h) na crítica de mídia noticiosa como recurso didático-pedagógico para ensino

e formação de profissionais, como jornalistas, por exemplo, e para o trabalho de formação de leitores críticos de produtos midiáticos.

Neste simpósio promovido pelo Grupo de Pesquisa Crítica de Mídia e Práticas Culturais, na Universidade Federal de Santa Catarina, alguns pesquisadores da área da Comunicação se dedicam a discutir questões em torno da seguinte pergunta: como criticam os que criticam? As disposições de pesquisadoras e pesquisadores se complementam pelo esforço em trabalhar por diferentes perspectivas teóricas de críticas, pensar a crítica de instituições e processos midiáticos de modo mais geral, fazer o exercício de crítica de objetos midiáticos particulares – com destaque para os do campo do Jornalismo – e de objetos midiáticos que se mostram críticos em si mesmos. Para além de possíveis respostas sobre os modos de se fazer a crítica de mídia, tais estudos trazem novas perguntas e problemas.

As apresentações se iniciam buscando desdobramentos teóricos abertos e atuais para a abordagem crítica. Em “Transformações e atualidade da teoria crítica”, Vera Veiga França (UFMG) avalia o comprometimento da mídia com o interesse coletivo e com a justiça social, realizando uma recuperação de importantes matrizes da teoria crítica e seus desdobramentos para os estudos da comunicação. José Luiz Aidar Prado (PUC-SP), em “Crítica de mídia em perspectiva aberta”, examina o tema da polarização pós 2013 no Brasil a partir da questão dos afetos, situando a crítica a partir de distintas correntes teóricas. Rogério Christofolletti (UFSC) preocupa-se com a ética jornalística e a crítica de mídia em “maneira extensiva e ampliada. Em “Análise crítica de portais especializados em cobertura meteorológica”, María Luísa Sánchez (Universidad Complutense de Madrid) investiga tendências e posicionamentos da informação meteorológica em portais especializados. E em “Etnografia como abordagem teórico-metodológica em estudos de crítica de mídia”, Lívya de Souza Vieira (UFSC) propõe a utilização da etnografia baseada na teoria ator-rede, de Bruno Latour, para os estudos de newsmaking.

Pensando a crítica de maneira estendida, nas abordagens possíveis entre a tomada artística e ficcional de diferentes narrativas, Thiago Venanzoni (USP), em “Modos de narrar, formas de descrever:

processos de (trans)crição de um corpo”, analisa três obras audiovisuais, recuperando descrições e narrações sobre corpos em disputa no campo político e suas formas de sociabilidade. Finalmente, em “Crítica de formatos digitais a partir de experiências em web arte”, Andrea Limberto recupera experiências da internet como ponto de partida para uma investigação sobre como o trabalho com recursos digitais tem informado criticamente os circuitos de produção midiática adotando, como estudo de caso, os trabalhos de Lucas Bambozzi e Fábio Fon.

O evento conta ainda com a participação especial do crítico de cinema e tradutor José Geraldo Couto, que, a partir da ideia de “Crítica do juízo, juízo da crítica”, discute questões como a relevância da crítica, a dimensão criativa e especializada da tarefa do crítico, as pressões do mercado, a proliferação de espaços novos de crítica na internet e a política tratada em aspectos cinematográficos.

Temos, então, neste I Simpósio de Crítica de Mídia – como criticam os que criticam? tanto exercícios de crítica, em trabalhos que tratam de objetos/práticas midiáticas, como de metacrítica, nos trabalhos em perspectiva teórica e reflexiva. Os pesquisadores se dispõem, cada um à sua maneira, a observar objetos concretos/empíricos (produtos, processos e discursos) efetivamente em circulação nas mídias, a estudar algumas condições de produção e a problematizar a finalidade política da crítica. Juntos, assumem a responsabilidade e a urgência de tomar a crítica de mídia como uma tarefa acadêmica.

Gislene Silva
Rosana de Lima Soares

Setembro de 2017 / UFSC

Programação

21 de setembro de 2017

Abertura

Crítica de mídia como tarefa acadêmica

Prof^a Dr^a Gislene Silva

(Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo/UFSC) e

Prof^a. Dr^a. Rosana de Lima Soares

(Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais/USP)

Mesa 1 – Crítica de mídia em perspectiva aberta

Transformações e atualidade da Teoria Crítica

Prof^a Dr^a Vera Regina Veiga França

(Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação/UFMG)

O que significa hoje fazer crítica midiática?

Prof. Dr. José Luiz Aidar Prado

(Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica/PUC-SP)

A reportagem autorreflexiva

Prof. Dr. Marcio Serelle

(Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social-
Interações Midiáticas/PUC-MG)

Mediação: Prof^a Dr^a. Terezinha Silva (UFSC)

Convidada Internacional

Crítica de cobertura periodística de catástrofes naturais

María Luísa Sánchez Calero

(Departamento de Periodismo, Universidad Complutense de Madrid, Espanha)

Mediação: Prof^a Dr^a Gislene Silva (UFSC)

22 de setembro de 2017

Mesa 2 - Crítica de cinema e crítica de jornalismo pelos estudos da tradução

Crítica do juízo, juízo da crítica

José Geraldo Couto

(Jornalista, crítico de cinema, tradutor)

Crítica das práticas de tradução no campo do Jornalismo

Prof^a Dr^a Meta Zipser

(Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução/UFSC)

Mediação: Prof. Dr. Márcio Serelle (PUC-MG)

22 de setembro de 2017

Mesa 3 - Crítica de cobertura jornalística

*A Operação Lava Jato, a corrupção e o jogo de sombras
na cobertura jornalística de um escândalo*

Prof^a Dr^a Terezinha Silva

(Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo/UFSC)

O discurso das notícias sobre violência contra mulher

Prof^a Dr^a Daiane Bertasso

(Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo/UFSC)

Sete teses para uma autocrítica dos observatórios de mídia

Prof. Dr. Rogério Christofoletti

(Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo/UFSC)

Mediação: Prof^a Dr^a Rosana Soares de Lima (USP)

Mesa 4 - Painel: jovens pesquisadores

“É nós”?: Os critérios de noticiabilidade do “Repórter Rá Teen Bum”

Dr^a Juliana Doretto

(FIAM/FAAM)

Crítica de formatos digitais a partir de experiências em Web Art

Dr^a Andrea Limberto

(grupo MidiATO)

Os modos da crítica em formas audiovisuais

Thiago Siqueira Venanzoni

Doutorando (ECA/USP) Lívia de Souza Vieira, doutoranda (UFSC)

Crítica das representações sociais de ruralidade em Globo Rural revista

Isadora Ribeiro, mestranda (UFSC)

Mediação: Prof^a Dr^a Juliana Doretto (FIAM/FAAM)

1º SIMPÓSIO DE CRÍTICA DE MÍDIA

Como criticam os que criticam?

VERA REGINA VEIGA FRANÇA

Transformações e atualidade da Teoria Crítica

Este artigo trata da crítica de mídia a partir de uma matriz teórica mais ampla, voltada para uma apreciação crítica do papel e das funções de diferentes mídias tendo como referência e horizonte uma prática comunicativa voltada para o bem comum. Essa crítica tem como parâmetro a relação e comprometimento da mídia com o interesse coletivo e com a justiça social. Essa matriz teórica conhecida como Teoria Crítica cumpre um importante papel, inclusive para fomentar um bom trabalho de crítica de mídia enquanto atividade específica – crítica de produtos, programas, conteúdos. A herança da Teoria Crítica é retomada neste estudo por costuras e releituras, num movimento cíclico de referências que dialogam e se modificam. O percurso da reflexão se organiza em quatro tópicos: breve discussão sobre o que é a Teoria Crítica e suas duas importantes matrizes; crítica e deslocamento dessas matrizes; indícios de um terceiro momento (a retomada); e a influência da Teoria Crítica nos estudos da Comunicação.

JOSÉ LUIZ AIDAR PRADO

O que significa hoje fazer crítica midiática?

O tema é abordado em duas vetorizações: a primeira, entendendo a crítica a partir de Judith Butler, Boaventura Santos e Slavoj Žižek; a segunda, situando o midiático da crítica a partir da psicanálise, considerando os conceitos de sintoma e fantasia. Em particular examinaremos o tema da polarização pós 2013 no país a partir da questão dos afetos. Como dar conta dessa polarização? Como a teoria

do discurso, a psicanálise e a semiótica tensiva podem colaborar na tarefa de situar essa polarização a partir da política e do circuito dos afetos?

MARCIO SERELLE

A reportagem autorreflexiva

No jornalismo, a reportagem é uma forma que, articulada à informação, busca atravessar o noticioso e exercer um modo de conhecimento narrativo que permita a penetração e compreensão das realidades humanas, assim como troca e vinculação de experiências. No conjunto de relatos aqui estudados (os de Eliane Brum, Fabiana Moraes e Svetlana Aleksievitch), identifico a emergência de uma reportagem autorreflexiva, na relação entre texto e paratexto – este como “franja” que, por meio do testemunho da própria jornalista, ativa uma situação em que se comunicam intenções e compromissos, mas, também, dificuldades, impasses ou mesmo impossibilidades na representação do Outro. A hipótese é a de que a reportagem autorreflexiva, ao narrar seus processos e limites, coloca em relevo as incompletudes da mediação jornalística e, no exercício da alteridade, evidencia a comunicação que não pode assimilar o Outro. Nisso, essa reportagem é uma recusa a representações esquemáticas, à ideia de que a crítica do jornalismo só pode ser feita de fora e a noções hierárquicas que acabam por rebaixar o gênero.

MARIA LUÍSA SANCHEZ CALERO

Alertas meteorológicas: nuevos canales, nuevos medios

Analizar las tendencias y el posicionamiento que adquiere la información meteorológica en portales especializados, ha sido el objeto de esta investigación. En este artículo se muestran las características de nueve portales meteorológicos con fuerte presencia en las webs españolas de meteorología donde se han analizado aspectos como: el discurso que emiten, el lenguaje y vocabulario utilizado, los tipos de fuentes consultadas, la organización de los contenidos, los sistemas de búsqueda, el material gráfico y visual, los sistemas de

alertas, y las posibilidades de interacción de los usuarios. Lo que ha requerido en esta muestra de estudio es diseñar un cuestionario que ha sido enviado a 400 usuarios de estos portales con el objeto de conocer el perfil de los usuarios que consultan esta información en las webs, además de analizar 30 Webside públicas y privadas vinculadas a aspectos deportivos o de ocio, en los que exista un apartado destacado sobre la información meteorológica. Y por último, análisis de nueve portales específicos de información meteorológica que se identificaron como los más referenciados en el estudio previo de las webs relacionadas con aspectos de ocio, deporte y actividades al aire libre.

JOSÉ GERALDO COUTO

Crítica do juízo, juízo da crítica

Esta palestra discute a relevância da crítica, a dimensão criativa e especializada da tarefa do crítico, as pressões do mercado, a crítica além da imprensa, a responsabilidade da crítica profissional, a proliferação de espaços novos de crítica na internet, a emergência de novos cinemas e a política tratada em aspectos cinematográficos.

META ZIPSER

Crítica das práticas de tradução no campo do Jornalismo

O objetivo da comunicação é o de comprovar que no texto jornalístico, embora num pequeno recorte, a tradução pode ser concebida como representação cultural e, conseqüentemente, o escritor-tradutor - seja na construção do texto-fonte (TF) ou do texto-meta (TM) - deve considerar essa realidade de modo a adequar o texto final para um público leitor em prospecção. A partir das contribuições de Christiane Nord, procuramos romper com a visão literal da tradução e pensá-la, inclusive no jornalismo, como um processo que produz sempre um novo texto por meio de mediações culturais e fatos socialmente compartilhados.

TEREZINHA SILVA

A Operação Lava Jato, a corrupção e o jogo de sombras na cobertura jornalística de um escândalo

O artigo propõe pensar a crítica da cobertura jornalística de um acontecimento a partir de quatro dimensões: 1) enquadramento, 2) construção narrativa, 3) constituição do problema público ou questão coletiva; e 4) condicionantes do processo de produção. A partir dessa grade, analisa a cobertura que as revistas *Veja* e *CartaCapital* realizaram da delação de executivos da Odebrecht, um dos acontecimentos da operação Lava Jato. O texto evidencia semelhanças e diferenças na forma como essas mídias interpretam o acontecimento e tratam o problema da corrupção, constroem uma narrativa e focam em certos atores e sua representação. Também aponta aspectos do processo produtivo que influem no tratamento dessas dimensões e na construção de diferentes coberturas jornalísticas, como as fontes de informação, a linha político-editorial e a relação de cada mídia com seu público.

ROGÉRIO CHRISTOFOLETTI

Sete teses para uma autocrítica dos observatórios de mídia

Os observatórios de mídia são instrumentos sociais importantes para o aperfeiçoamento do jornalismo e estratégicos para a educação midiática do público. Nos últimos quarenta anos, esses observatórios vêm encarnando a missão de monitorar os meios, oferecer a crítica aos seus procedimentos e favorecer o debate social sobre o jornalismo. Os observatórios são um fenômeno da segunda metade do século passado e, desde então, o ecossistema midiático para o qual dirigiam seu olhar vem mudando drasticamente nas últimas duas décadas. É necessário então que se reavalie a natureza, os objetivos, o funcionamento e a efetividade desses espaços de observação sistemática. A paisagem brasileira oferece um conjunto de dificuldades estruturais e de obstáculos circunstanciais que impedem o desenvolvimento de uma robusta crítica de mídia, gerando efeitos desmobilizantes para os produtores de informação, para seus consu-

midores e demais stakeholders. Nesta comunicação, num primeiro momento, revisito os entraves para a difusão de uma efetiva crítica de mídia no Brasil, e na sequência, problematizo os procedimentos de naturalização e assimilação da crítica pelos próprios meios. Ao final, apresento sete teses que podem contribuir para uma autocrítica dos observatórios de mídia.

JULIANA DORETTO

“É nós”?: Os critérios de noticiabilidade do “Repórter Rá Teen Bum”

O repórter Rá Teen Bum é um programa noticioso para crianças veiculado para o canal de TV privada TV Rá Tim Bum e por emissoras afiliadas da TV Cultural, no Paraná (Curitiba e Cascavel), em Pernambuco e Goiás, no Pará e em Minas Gerais. Este trabalho se volta a este produto jornalístico, com olhar orientado para questões pertinentes à sua lógica de produção: o que é notícia para o Repórter Rá Teen Bum? Seguindo a discussão proposta por Silva sobre os critérios de noticiabilidade (2014), já fizemos anteriormente revisão bibliográfica sobre o tema, baseando-se sobretudo em estudos internacionais (pela carência de análises locais), e percebemos que produtos jornalísticos produzidos para as crianças se aproximam dos critérios de noticiabilidade adotados pelo jornalismo para adultos, sobretudo em suas novas vertentes, ligadas ao entretenimento e curiosidade ou conhecimento e cultura. Iremos estender essa análise ao Repórter Rá Teen Bum, estudando as notícias veiculadas nos dez primeiros programas transmitidos, em 2016 e 2017.

ANDREA LIMBERTO

Crítica de mídia aos formatos digitais a partir de experiências em web art

Considerando que o exercício de crítica de mídia pode ser observado na proposta de inovação formal sobre a linguagem dos meios, propomos uma recuperação de experiências em Web Art como entrada para uma investigação crítica sobre os meios digitais. Tomaremos como base especialmente os trabalhos artísticos e teóricos de

Lucas Bambozzi e Fábio Fon não só a partir do que eles apresentam, mas também na tentativa de posicionamento crítico de suas próprias figuras assumindo as perspectivas curatorial, realizadora e analista. Nosso objetivo não é avaliar a potência crítica das experiências, mas captar aquilo que, ao se anunciarem no lugar da experimentação midiática, abre um espaço de cisão e permite identificar o que culturalmente poderia ser objeto da crítica. Num primeiro nível, há um questionamento das materialidades dos meios, o esmaecimento da dualidade entre o verdadeiro e o falso, além de um trabalho entre visibilidades e invisibilidades. Como hipótese de base para a presente proposta, entendemos que há, nos meios digitais, uma maior aproximação entre as linguagens do jornalismo, dos meios direcionados ao entretenimento e da arte que se revelam tanto no conteúdo quanto na forma do que é apresentado. Propomos que esse ambiente favoreça um tipo específico de crítica nascida (quase) involuntariamente e resultante de um processo de apropriação não autoral a partir da usabilidade formal e mutabilidade dos formatos.

THIAGO VENANZONI

Os modos da crítica em formas audiovisuais

A atual pesquisa tensiona os modos de realização da crítica tendo como corpus objetos audiovisuais contemporâneos, que não se resumem ao gênero que as localiza mas sim sendo formas culturais, compreendidos em suas instaurações discursivas e estéticas. Diante disso, um debate comum se dá em torno do conceito de representação como uma condição desafinada à perspectiva da realidade do mundo antes dada. Ou seja, o que em um momento era encarada como uma verdade unívoca hoje passa a ser produção de crítica e evidenciada em sua dimensão política no contexto em disputa. A intenção é complexificar esses jogos da crítica frente às formas audiovisuais em campos de visualidade da cena social. Elenca-se, para tal objetivo, alguns tópicos no debate metodológico proposto para pensar a crítica audiovisual: 1) os espaços de reinvenção estética e novas proposições de sociabilidade; 2) a dimensão econômica e a política dos sujeitos; e 3) redistribuição como reconhecimento na

moral estética. Tendo essas três perspectivas lançadas, e brevemente analisadas, oferece-se modos de olhar os objetos audiovisuais contemporâneos e caminhos para se localizar a crítica em torno deles.

LÍVIA DE SOUZA VIEIRA

Etnografia como uma metodologia para crítica de mídia

A abordagem teórica do newsmaking, focada na produção jornalística, apresenta desafios que impactam diretamente as pesquisas em jornalismo: dificuldade de entrar nas redações, tensão nas entrevistas com jornalistas, efetividade no relato do trabalho de campo. Talvez por isso, grande parte dos estudos se detêm à análise do produto, em especial quando se direcionam à crítica de mídia. Por outro lado, conhecer as etapas que antecedem o produto final, procurando mapear as controvérsias, pode ser bastante oportuno para as teorias desse campo. Assim, defendemos e propomos a utilização da etnografia, segundo as bases da Teoria Ator-Rede (LATOURET, 2005), como uma abordagem teórico-metodológica possível para os estudos de crítica de mídia. Além da simetria entre sujeitos e objetos, que direciona o olhar do pesquisador também para os atores não-humanos, a TAR traz a noção não-apriorística para o etnógrafo, ou seja, ao invés de guiar-se por modelos e esquemas de análise, ele se propõe a observar quando e se determinados valores-base (como a ética e as hierarquias, por exemplo) serão acionados no decorrer do trabalho de campo. A atenção que Latour dá ao relato textual da etnografia também nos parece bastante útil para as pesquisas feitas por e com jornalistas. Dessa forma, a interdisciplinaridade com o campo da Antropologia pode nos auxiliar a pensar a etnografia como um método para crítica de mídia, a partir do processo de produção.

ISADORA RIBEIRO

Crítica das representações sociais de ruralidade em Globo Rural revista

Esta pesquisa tem como objeto de estudo as representações sociais da ruralidade brasileira na revista Globo Rural. Com base na teoria de Serge Moscovici, enfoca-se a dimensão simbólica dos textos

noticiosos, apreendendo-os como representações sociais da realidade. O objeto empírico é composto por notícias e reportagens publicadas na revista entre 1985 e 2015 e os objetivos são identificar e descrever as representações da ruralidade brasileira a partir do corpus e examinar as transformações nessas representações no intervalo de três décadas. O percurso metodológico subdivide-se nas análises descritiva e interpretativa. Na descrição, os textos são categorizados nos eixos temáticos econômico-produtivo, técnico-científico, sociocultural e natural-sustentável. Na interpretação, identificam-se representações sociais da ruralidade com ancoragens na técnica, na dimensão sociocultural, na natureza e no movimento descrito na Sociologia como “nova ruralidade”.

CADERNO DE RESUMOS

SIMPÓSIO DE CRÍTICA DE MÍDIA

Como criticam os que criticam?



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

Programa de Pós-Graduação em Jornalismo
Campus Universitário, Trindade
88040-980 - Florianópolis/SC
(48) 3721.6610 - www.ppgjor.ufsc.br